

TRÊS BOAS NOVAS; UMA PÉSSIMA

Roberto Rodrigues*

Nos últimos dias aconteceram alguns fatos alvissareiros para a agropecuária brasileira, e uma má notícia.

O primeiro positivo foi o anúncio da contribuição do PIB do setor para o crescimento do nacional em 2017. Com efeito, depois de 2 anos de queda acentuada, no ano passado finalmente houve um pequeno aumento do PIB brasileiro, de 1% sobre o de 2016, segundo o IBGE. Mais de 70% desse salto se deveu à agropecuária, cujo crescimento foi de espetaculares 13%, graças a uma safra recorde de grãos impulsionada por clima favorável e pela tecnologia tropical de ponta aqui gerada e incorporada pelos produtores rurais. E o melhor dessa notícia é que o horizonte de 2018 é de manutenção do PIB do agro: talvez a colheita de grãos não seja outro recorde físico, mas os preços tiveram ligeira melhora em função de seca rigorosa no sul da América setentrional, que reduzirá a produção na Argentina e no Uruguai, e, infelizmente, em boa parte do nosso Rio Grande, cujos produtores necessitarão de apoio oficial.

O segundo foi a decisão do STF sobre os questionamentos em relação ao Código Florestal. Como se sabe, essa importante lei promulgada em 2012 vinha sendo arguida naquela Corte quanto à constitucionalidade de alguns artigos. Com isso, a implementação da legislação estava dificultada e, embora a demora da decisão do Supremo tenha sido muito grande (mais de 5 anos), finalmente a maior parte deste rigoroso projeto foi declarado constitucional, e com isso ganha o Brasil: todo mundo vai poder ficar legalizado no campo, sem nenhuma anistia que erradamente alguns anunciam.

Mas o terceiro fato é o mais interessante. Trata-se de um trabalho inédito coordenado pelo pesquisador Felipe Serigati, do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas sobre números do mercado de trabalho no agronegócio. Com dados da PNAD Contínua do IBGE, o estudo mostra que este setor tem absorvido cada vez menos mão de obra (sobretudo informal). As novas tecnologias agropecuárias e mecanismos de gestão incorporadas no campo, mais intensivas em capital e menos intensivas em trabalho, demandaram menos mão-de-obra, mas com significativo aumento da remuneração média do setor. E o destaque desse processo é que ele tem sido mais marcante dentro das fazendas, na atividade produtiva rural propriamente dita.

No final de 2012, o nosso agronegócio ocupava 19,7 milhões de pessoas; 5 anos depois, no final de 2017, esse número caiu para 18 milhões, ou apenas 19,7% de toda a força de trabalho ocupada no país. Isso representou uma queda de 1,9% ao ano. E dentro da porteira essa queda foi maior, de 5% ao ano!

Essa redução de postos de trabalho seria uma má notícia, como parece à primeira vista? Na realidade, o estudo de Serigati mostra que não. As inovações assumidas pelos produtores trouxeram aumentos de produtividade e, conseqüentemente, da sua renda bruta. De fato, entre 2012 e 2017, a economia brasileira caiu em média 0,1% ao ano, enquanto a agropecuária cresceu 3,3% a.a em média. Como resultado, houve expansão da economia e da renda nas regiões onde a agropecuária é atividade dominante (isto é, na maioria esmagadora dos

municípios), o que impulsionou o setor de serviços que, por sua vez, absorveu boa parte da mão de obra liberada na roça. E com melhores condições de trabalho. E de salário: de 2012 a 2017, o rendimento médio da população brasileira ocupada cresceu 4,6% no acumulado, mas no agronegócio o aumento foi de 7% e, mais notável, nas atividades agropecuárias, cresceu 9,2%. Isso mostra que quando a renda no campo cresce, é melhor distribuída.

A má notícia tem a ver com a Operação Trapapa envolvendo possíveis omissões da BRF quanto à adulteração de resultados de análises laboratoriais sobre a contaminação de produtos pela bactéria "salmonela" em carnes de frango. Além do risco de perda de mercado em um item no qual o Brasil tem enorme liderança global, fica a preocupação central: é preciso tratar da questão sanitária, de uma vez por todas, como tema determinante para nossa competitividade, no que está empenhado o Ministério da Agricultura.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todo segundo domingo do mês**